



Aprendizagem na prática: a experiência de estudantes mulheres num Centro Vocacional Tecnológico na Amazônia

Grace Kelly Pereira de Lima¹

<https://orcid.org/0000-0003-0026-6266>

Marilia de Jesus da Silva e Sousa²

<https://orcid.org/0000-0002-9408-0288>

Resumo

O objetivo deste trabalho é identificar o processo da aprendizagem na prática no contexto do Centro Vocacional Tecnológico - Tecnologias Sociais para Várzea Amazônica, um dos Projetos do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, IDSM, o qual envolve estudantes moradores de comunidades rurais da região do médio Solimões que participam de um curso de formação no município de Tefé, Amazonas na sede do IDSM. Este estudo partiu de uma abordagem qualitativa com o uso da observação participante e a realização de entrevista com roteiro de perguntas semiestruturadas. Buscamos entender como acontece a aprendizagem dos estudantes num ambiente pedagógico que envolve o aprimoramento de técnicas direcionadas a conservação do meio ambiente e no fomento à produção econômica manejada baseada nos recursos naturais. Através deste estudo de caso, apresenta-se um diálogo com autores que tecem um olhar antropológico ao discutir a ideia de aprendizagem relacionada ao contexto local. Delineamos uma discussão que envolve dois regimes de saberes, o tradicional e o científico. Propomos um diálogo reflexivo que contribua para a desnaturalização de olhares que foram naturalizados ao longo do tempo. Assim queremos demonstrar que o Centro Vocacional Tecnológico consiste num espaço de aprendizagem que contribui para trocas de experiências, e, que ao mesmo tempo, oportuniza diálogo em diferentes áreas do saber.

Palavras-chave: Aprendizagem na Prática; Estudantes; Centro Vocacional Tecnológico.

CVT students' learning in practice: social relations with the environment

Abstract

The objective of this work is to demonstrate learning in practice at the Centro Vocacional Tecnológico - Tecnologias Sociais para Várzea Amazônica of the Mamirauá Sustainable Development Institute, IDSM, which brings together community members from the rural context, mainly from the middle Solimões, for a training course installed in the city of Tefé, Amazonas. This study was based on a qualitative approach, participant observation and semi-structured interviews, with the purpose of understanding how the students' learning process takes place, which involves the improvement of techniques aimed at environmental conservation and the promotion of economic production from natural resources. Through this we present a dialogue with authors who weave an anthropological look, discussing the idea of learning related to local contexts. Then we will discuss the two regimes of knowledge, traditional and scientific, for a reflective conclusion that contributes to the denaturalization of looks naturalized over time and demonstrating that the Technological Vocational Center can be a learning space that contributes to the exchange of experiences, providing opportunities for dialogue in different areas of knowledge.

Keywords: Learning in Practice; Students; Women; Technological Vocational Center.

¹ Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade do Estado do Amazonas (2010). Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - (UEA). Tem experiência profissional na Docência de Ensino Regular. Atualmente é gestora da rede Municipal em Educação Infantil no município de Tefé Amazonas. E-mail: kellygrace743@gmail.com

²Doutora em Antropologia Social (2017) e Mestre em Antropologia Social (2011) pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (PPGAS/ UFAM). Possui Especialização em Teoria Antropológica (1996) e Graduação em Ciências Sociais (1995) pela Universidade Federal do Pará. Realizou Estágio Pós Doutoral no âmbito do PROCAD Amazônia junto a Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos da Amazônia (PPGEAA/UFPA, Campus da UFPA de Castanhal) e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH-UEA). E-mail: mariliasousa2006@gmail.com



Tramitação:

Recebido em: 29/04/2023

Aprovado em: 08/11/2023

Introdução

Com este estudo, buscamos identificar diferentes formas de aprendizagem no contexto de uma proposta pedagógica num Centro Vocacional Tecnológico (CVT) na Amazônia. Nesse caso, a “aprendizagem na prática” (LAVE, 2015), preconizada por vários autores, é o foco principal da nossa atenção. Para melhor compreensão, buscamos dialogar com autores (LAVE, 2015; LAVE & WENGER, 2002; GOMES, 2014; BATESON, 1986) que se debruçam em explicar, através de uma visão antropológica, a aprendizagem que surge também das relações sociais e da interação com o meio ambiente. Assim, procuramos elucidar a ligação que ocorre entre o ambiente, os seres vivos e as observações materializadas na prática. Dessa forma, o ser é capaz de criar sua própria concepção de aprendizagem, agindo através das experiências de diferentes gerações. Conquanto, passa a desenvolver sua própria maneira de atuar e realizar sua prática, pautada em percepções e vivência coletiva.

Para dialogar com essas teorias, analisamos o conhecimento e a aprendizagem dos estudantes vinculados ao CVT, os quais apresentam como diferencial o fato de serem moradores de comunidades rurais na Amazônia, engajando-se num espaço de estreita interação com o meio ambiente. Assim, a proposta pedagógica do CVT busca aliar o ensino técnico-científico e os saberes tradicionais dos referidos estudantes. Nesse sentido, o objetivo de nosso trabalho é identificar as relações e o processo de aprendizagem que acontece no contexto do CVT, com vistas a entender como ocorre essa relação no contexto rural, refletindo sobre a contribuição dos saberes tradicionais para a construção de novos olhares sobre o conhecimento.

O interesse por essa temática partiu da observação participante, realizada nos anos de 2018 até o início de 2020, enquanto atuava como pesquisadora bolsista exercendo a função de monitorar e mapear as ações dos estudantes egressos do CVT. Esses integraram a primeira turma de discentes do Centro Vocacional nos anos de 2014 e 2015. Além dessa atividade, tínhamos a responsabilidade de realizar o monitoramento da inserção no curso de formação dos estudantes da segunda turma dos anos 2017/2018 e da terceira turma dos anos 2018/2019.



As atividades de monitoramento consistiam no acompanhamento da rotina dos educandos interessados em obter uma formação direcionada para o aperfeiçoamento das suas práticas de manejo dos recursos naturais e de uma produção econômica manejada. Foi nesse contexto que passamos a realizar a observação participante no período mencionado.

Buscamos fazer um diálogo com as teorias que tratam do conhecimento envolvendo os estudantes, bem como suas experiências e relações com o meio, de modo a compreender a interligação em redes de saberes que transitam e se tornam visíveis neste ambiente de aprendizagem, conforme demonstram os relatos dos estudantes. Nesse sentido, direcionamos baseamos nosso estudo no método qualitativo, passando por um processo de construção de abordagens decorrentes dos fatos interpretados, como defende Coutinho (2014).

Para a coleta de dados, usamos um formulário com roteiro de perguntas semiestruturadas. Esse foi aplicado dentro de uma dinâmica de disponibilidade de tempo das estudantes participantes da pesquisa. As entrevistas ocorreram por meio de encontros presenciais individualizados no ano de 2021.

Consideramos que os dados etnográficos e os relatos potentes, analisados neste estudo, pautaram nossa análise e contribuíram para reforçar a importância de um processo pedagógico que parte do conhecimento dos estudantes, que potencializa seus saberes e estabelece uma interlocução desprovida de hierarquias de conhecimentos.

Aprendizagem na Prática

Entender o processo de aprendizagem no CVT foi uma tarefa árdua, pois se mostrou bastante distinto da minha prática docente de quase dez anos lecionando para estudantes da rede pública municipal do município de Tefé-Am. O perfil dos estudantes participantes do CVT é bem diferente da rede pública, sobretudo pelo fato de os estudantes serem moradores de comunidades rurais situadas em Unidades de Conservação de Uso Sustentável, cujo sistema de ensino é distinto do encontrado nos centros urbanos.

Muitos desses estudantes nunca ficaram tanto tempo longe da sua rede familiar, fator que interfere diretamente no processo de adaptação e na aprendizagem; tudo isto em prol de uma formação não somente pessoal, mas também com o objetivo de tornarem-se multiplicadores e praticantes dos conhecimentos técnicos aliados com os saberes locais que os estudantes detêm.



Compreender como esses estudantes estabelecem a relação de aprendizagem ao seu cotidiano foi uma tarefa que exigiu um olhar atento e desprovido de julgamentos prévios e/ou de suposições. Este outro olhar só passou a ganhar novo significado através da observação participante, momento em que conseguimos nos desprender dos paradigmas e passamos a entender o contexto real de vivência e da realidade de cada estudante. A partir daí, as formas de aprendizagem ganharam outras interpretações.

Destarte, nossa análise toma como embasamento o Projeto Político Pedagógico do CVT, que tem como premissa a valorização dos saberes tradicionais trazidos e compartilhados por diversos estudantes vindos de lugares diferentes, os quais carregam conhecimentos e práticas culturais singulares. Este é um aspecto que assume grande diferencial no processo de ensino-aprendizagem, indo além de uma educação institucionalizada.

Os estudos de Ana Maria Gomes (2014) abordam o sentido do conceito de aprendizagem, essa muitas vezes empregada por uma única ótica, aquela na forma de transmissão do sentido sistemático do aprender em ambiente institucional. A proposta de Gomes (2014) é a desnaturalização, uma forma de compreender o processo de aprendizagem presente em todos os momentos e em qualquer lugar.

Ao assumir essa perspectiva, estamos chamando a atenção para o fato de que a aprendizagem pode ser considerada como algo que ocorre o tempo todo em torno a nós, um fenômeno difuso e onipresente no tempo e no espaço. E essa é uma primeira forma de desestabilizar nosso olhar, muito habituado a ver a aprendizagem como relacionada a contextos e instituições específicas, uma vez que fazemos parte de uma configuração social que busca autonomizar as relações sociais em diferentes âmbitos, criando tipos específicos de relação (GOMES, 2014, s/p.).

Tomando esta proposta teórica para análise da temática da pesquisa, passamos a discutir sobre a aprendizagem de forma mais abrangente e contextual, o que nos possibilitou refletir sobre a aprendizagem no âmbito do CVT. Nesse, o enfoque de valorização das experiências adquiridas dos estudantes é combinado com o conteúdo apresentado na ementa do curso e com as experiências dos estudantes procedentes de diferentes lugares do estado do Amazonas.

Apresentamos assim o relato da estudante Taliana Alencar Oliveira, 26 anos, egressa da turma (2018) do CVT, moradora da comunidade de São Sebastião da Água Branca, situada

na Reserva Extrativista Catuá/Ipixuna, Município de Coari-Amazonas. A estudante descreve sua visão sobre aprendizagem no CVT.

Para mim, na minha percepção abriu um leque de possibilidades, tirou vendas dos olhos para alguns problemas, aonde buscar soluções. Diria que as aprendizagens são as trocas de experiências que a gente tem lá, servem como armas para buscar a melhoria nas comunidades, nas Unidades de Conservação, nas associações, nos municípios de uma forma geral para nós e até para o mundo. São esclarecimentos que muitas das vezes a gente não têm a possibilidade de saber, de como saber os meios de chegar até ele. Inclusive a gente já conseguiu algumas melhorias através de coisas que eu ouvi, vi, não só dos professores como também com os colegas, coisas que a gente aprendeu no dia-a-dia, nas oficinas, nas aulas, durante nossa troca de experiências (Taliana Oliveira, 26 anos, Comunidade São Sebastião da Água Branca, Coari-Am. Entrevista realizada em 2021).

Este relato é bastante emblemático para entendermos as percepções dos estudantes em relação ao processo de aprendizagem no âmbito do CVT. Fornece ainda indicativos para contribuir com a formação e preparação de moradores rurais. Além disso, ressalta que a aprendizagem consiste num constante diálogo das partes envolvidas no processo de ensino-formação, envolvendo experiências de pessoas com culturas e lugares diferentes e que podem ser incorporadas ou aplicadas pelos demais estudantes.

Como observamos no relato de Taliana Oliveira, a estudante egressa considera que a troca de experiências no contato com outras culturas pode criar mecanismos para agregar melhorias ao seu lugar. Ao mesmo tempo, a produção de cultura se movimenta entre diferentes contextos e se materializa na prática, como afirma Lave (2015):

Assim, a cultura produz aprendizagem, mas aprender também produz cultura. Aprender na prática envolve aprender a fazer o que você já sabe e fazer o que você não sabe, iterativamente, ambos ao mesmo tempo. Tais relações, múltiplas e contraditórias, são todas, juntas e ao mesmo tempo, “a relação” em questão – chamem isso de “aprender na/como prática” [...] (LAVE, 2015, p. 41).

Lave (2015) nos leva a refletir sobre a aprendizagem do cotidiano por meio da vivência, do “aprender-na-prática”, envolvendo as relações pessoais de um diálogo constante da parte com o todo. Uma aprendizagem onde não há separação de conhecimentos, seja ele formal ou informal; o objetivo é demonstrar que a aprendizagem não tem lugar específico para acontecer, pode ocorrer em diversos ambientes.



Nessa perspectiva, os estudantes do CVT podem ser entendidos como “aprendizes”, posto que desenvolvem sua aprendizagem no dia a dia, compartilhando juntos objetivos comuns (LAVE & WENGER, 2002). Os exemplos apresentados são relatos dos (as) estudantes sobre como desenvolvem suas atividades e as técnicas de produção agrícola. Ao tratarem da terra e sua preparação para o plantio, relatam que a aprendizagem partiu da vivência, da observação do trabalho de seus pais, avós, entre outras relações não apenas sociais, mas também a relação cotidiana no ambiente onde nasceram e cresceram.

Percebemos com os exemplos compartilhados no CVT que os (as) estudantes sentem-se contemplados com os conteúdos trabalhados em sala de aula, pois grande parte do conteúdo programático tem relação direta com o cotidiano e a realidade desses estudantes. Por conseguinte, a aprendizagem é corporificada, fazendo sentido ao que está sendo mediado e compartilhado coletivamente, como é endossado nas palavras de Taliana Oliveira:

Acredito também que essa se não a maior aprendizagem que você pode levar porque são pessoas de municípios diferentes, regiões diferentes apesar de serem todos de comunidades, algumas comunidades são mais desenvolvidas são maiores, são problemas diferentes, outras são mais isoladas distantes, o acesso as coisas são mais complicadas, isso tudo se torna muito particular, isso talvez seja o maior aprendizado que a gente tire de lá, porque são comunidades diferentes, a gente troca muito, até a pescaria tudo é diferente (Taliana Oliveira, 26 anos. Comunidade São Sebastião da Água Branca, Coari-Am. Entrevista realizada em 2021).

Para os estudantes, o processo de ensino-aprendizagem no contexto do CVT tem resultados positivos, tanto que externalizam com recorrência as transformações ocorridas em suas vidas no campo pessoal e profissional. As diversas atividades que contemplam a grade curricular do curso promovem nos envolvidos as mudanças de práticas, posturas e percepções. Destacamos, por exemplo, a importância das oficinas que promovem o empoderamento de estudantes no contexto rural e dentro de suas organizações. O aprendizado adquirido nas oficinas é relatado pelas estudantes egressas, Larissa Benchimol, Erivane da Silva e Cleissiane da Silva:

[...] Era pra mim uma escola que conseguia acolher todo mundo com um olhar só, entendeu, não tinha ali diferença, de cor, religião, disso daquilo, eles conseguiam acolher a gente como todas as pessoas iguais...ali deu pra gente aprimorar mais, a história, o português, a matemática, a contabilidade, os programas que foram os principais, por mais que a gente



já tinha escutado falar por alto mas a gente não sabia na verdade o que era o manejo florestal, o manejo de pesca, o que era o sistema de água, pra que que servia o sistema de água, na verdade ninguém sabia, só sabia que fazia sistema, mas não sabia pra que precisaria, principalmente pra saúde. Então pra mim aquele ensino foi muito bom, eu vi ali que consegui aprofundar em coisas que só tinha escutado por alto (Larissa de Souza Benchimol, 26 anos. Município de Alvarães-Am. Entrevista realizada em 2021).

Outros ensinamentos foi sobre as leis, lembro do Seu Paulo Roberto que todos os papeizinhos que ele dava eu guardava, até hoje eu tenho, sobre os direitos, sobre os deveres, quais são nossos direitos, quais são nossos deveres, então assim, nem tudo, mas pretendo botar em prática tudo, já pude, já fiz, por muitas pessoas, porque era muito difícil as pessoas ter aqui seu benefício, sua aposentadoria, então assim, eu me sinto orgulhosa de ter ajudado muitas pessoas, na organização de seus documentos. Não estou ainda bem aprofundada porque é um aprendizado, mas o pouco que tive de conhecimento eu questiono lá pelos direitos (Erivane da Silva, 38 anos. Comunidade Vila Soares, Município de Uarini-Am. Entrevista realizada em 2021).

O CVT ajuda a gente a pensar no nosso potencial, no que a gente ainda é capaz de fazer e nos traz métodos, nos traz como agir em determinadas questões tanto do acordo como no dia-a-dia da gente, como lidar com a questões, como controlar as emoções da gente de lidar com os problemas e que sempre em todas as oficinas principalmente com o professor João (professor de língua portuguesa) sempre incentivou a gente a nunca desistir daquilo que a gente almeja alcançar. Se a gente achar algo muito difícil, mas a gente tem que ter na nossa mente que a gente é capaz e lutar até alcançar aquele objetivo. O CVT traz conhecimento que vem abrir mais portas, de querer alcançar, de querer buscar mais conhecimento e nos deu oportunidade de coisas que a gente nunca pensou em conhecer, pessoas, lugares [...] (Cleissiane da Silva, 26 anos. Tefé-Am. Entrevista realizada em 2021).

Os relatos das estudantes Taliana, Cleissiane, Larissa e Erivane indicam que o formato de ensino-aprendizado, posto em prática no âmbito do CVT, funciona como um instrumento importante de discussão para várias áreas do conhecimento, abrindo caminhos para novas abordagens no contexto rural, em particular nas relações sociais com meio ambiente, entrelaçado com as experiências de vida.

Ouvir as experiências nos possibilitou compreender que essas vão muito além de uma história contada; são narrativas carregadas de significados, de experiências. Existe um elo que conecta corpo e mente, que se transforma na ação experimentada por si próprio, surgindo por

meio do convívio social e meio ambiente, longe de um sistema de reprodução ou repetição, e sim internalizado, experimentado à sua maneira de perceber e de comunicar-se com o mundo externo.

Eu venho, entretanto, com histórias - não somente um suprimento de histórias para entregar ao analista, mas histórias construídas no interior do meu ser. Os padrões e sequências da experiência da infância estão construídos dentro de mim. Meu pai fez assim; minha tia fez de tal maneira; e o que eles fizeram estava fora da minha pele. Seja, porém, o que for que aprendi, meu aprendizado aconteceu dentro de minha sequência experimental do que aqueles "outros" importantes - minha tia, meu pai - fizeram (BATESON, 1986, p. 23).

Bateson (1986) chama atenção para o processo de aprendizagem do ser humano que se constrói nas relações históricas com experiências anteriores advindas das relações sociais, de padrões que se interligam, assim podendo criar suas próprias interpretações e atuar de forma subjetiva diante das representações externas.

Quebrando Paradigmas

É necessário ponderar que no ambiente do CVT ocorreram mudanças na questão do modelo de ensino, gerando uma abertura na forma de aprendizagem, a qual passou a considerar o contexto em que os estudantes estão atuando. A aprendizagem acontece ou vai sendo aprimorada a partir das experiências dos estudantes.

Neste ambiente, os (as) estudantes ficam “livres” para estabelecer suas conexões da teoria com suas atividades produtivas e com seu próprio cotidiano. De forma perceptiva, as partes envolvidas (gestor, professor, pesquisador e estudante) demonstram a necessidade de estabelecer um ensino-aprendizagem mais próximo de suas realidades, não somente do trabalho, mas também da vida cotidiana como um todo, abrangendo as diversas relações e inter-relações. Sendo assim, é possível um diálogo para despertar novos olhares e interpretações, desde que seja relevante para cada estudante.

A aprendizagem compartilhada no CVT quebra antigos paradigmas de ensino-aprendizagem, aqueles em que o estudante e a relação com o meio não fazem sentido algum para suas vivências cotidianas, deixando-o longe da realidade, passando a aprendizagem para o estágio de um sistema mecanizado, sem nenhum contexto significativo que envolva o (a) estudante.



Este formato de ensino-aprendizagem proposto pelo CVT é inovador, pois permite compreender as relações de aprendizagens que permeiam o cotidiano de cada grupo. Desse modo, possibilita realizar novas abordagens, fazer comparações e dar significados ou (re)significar o formato de ensino-aprendizagem, enrijecido e reproduzido com o passar do tempo.

A proposta teórica de Pimenta & Lima (2005/2006) alerta quanto a esse formato antigo de aprendizagem, ainda presente na atualidade, sendo resquício de um sistema estrutural arcaico, que não dialoga com a realidade dos estudantes:

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer 'algo' ou 'ação'. A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da (re) elaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons. Muitas vezes nossos alunos aprendem conosco, observando-nos, imitando, mas também elaborando seu próprio modo de ser a partir da análise crítica do nosso modo de ser. Nesse processo escolhem, separam aquilo que consideram adequado, acrescentam novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se encontram. Para isso, lançam mão de suas experiências e dos saberes que adquiriram (PIMENTA & LIMA, 2005, 2006, p. 7).

Outro ponto relevante foi perceber que muitos profissionais trabalham a aprendizagem de forma interdisciplinar, valorizando o contexto cultural, as trocas de experiências, a produção de conhecimento que se entrelaça em uma rede de comunicações. Isso torna a aprendizagem interdisciplinar, com vários elos que se conectam com a técnica, com a ciência e com as práticas tradicionais que podem ser contextualizadas nos espaços pedagógicos, como acentua Fazenda (2006). Assim, evidencia-se a relevância do entrelaçamento das questões socioculturais à criação dessas interfaces interdisciplinares.

[...] A contextualização sociocultural e história da ciência e tecnologia associa-se às ciências humanas e cria importantes interfaces com outras áreas do conhecimento. O caráter interdisciplinar da história da ciência não aniquila o caráter necessariamente disciplinar do conhecimento científico, mas completa-o, estimulando a percepção entre os fenômenos, fundamental para grande parte das tecnologias e desenvolvimento de uma visão articulada do ser humano em seu meio natural, como construtor e transformador desse meio (FAZENDA, 2006, p. 71).



A proposta pedagógica do CVT proporciona um espaço aberto para diálogo, mediado por metodologias inclusivas, promovendo um novo modelo de relação entre professores e estudantes e entre os próprios estudantes. Suas práticas e vivências são valorizadas, possibilitando aos estudantes assumirem um lugar de protagonismo. Seus conhecimentos e suas realidades são o tema que auxilia a condução de um diálogo coletivo.

Esta proposta metodológica permite aos estudantes exporem seus conhecimentos por meio de suas práticas locais no âmbito das atividades econômicas, de suas estratégias de organização, visando fortalecer a renda familiar e aquela destinada aos interesses coletivos. Permite, ainda, fortalecer os empreendimentos coletivos econômicos, como por exemplo a pesca manejada, uma das principais atividades econômicas das comunidades, capaz de garantir o alimento e o sustento das famílias, junto a outras atividades, como a agricultura, o ecoturismo e a produção de artesanato.

Diante dessa proposta, podemos analisar o surgimento de novas experiências e troca de saberes, e é neste momento que o conhecimento tradicional dos estudantes e o saber técnico dos mediadores convergem em uma troca profícua de conhecimentos, na qual não há sobreposição de saberes. À medida que vai surgindo o diálogo, os conceitos vão se interligando com a prática do estudante, ocorrendo uma colaboração em que, muitas vezes, podem surgir novos olhares ou um aprimoramento da prática familiarizada com o meio natural, que empiricamente acontece.

Para Peralta & Lima (2012), essa forma participativa de conhecimentos promove uma sinergia do conhecimento científico e do conhecimento tradicional, a exemplo de um estudo apresentado pelas autoras, no qual um pesquisador, em conjunto com os pescadores ribeirinhos, conseguiu validar o método de contagens do pirarucu (*Arapaima gigas*), uma prática realizada há muitos anos pelos pescadores locais.

A sinergia de diferentes regimes de conhecimentos defendida por Peralta & Lima (2012) é observada no contexto do ensino-aprendizagem do CVT, onde acontece uma troca de conhecimento contínuo, além de contribuir para a construção de novas técnicas e teorias voltadas para conservação, produção e qualidade de vida, como observamos na citação:

Sinergia acontece quando dois objetos ou processos funcionam juntos produzindo um resultado que não é obtido de forma independente. O conceito se aplica à química, à farmacologia, mas também aos processos de cooperação entre grupos. Quando duas pessoas, com diferentes e

complementares habilidades cooperam, os resultados desta cooperação podem ser sinérgicos. A hipótese de sinergia tratada aqui se refere a uma integração dos dois regimes de conhecimento: o conhecimento científico e o conhecimento tradicional. (PERALTA & LIMA, 2012, p. 3).

A proposta teórica externada traz algumas reflexões a respeito desta sinergia que nem sempre acontece entre estes dois regimes de saberes. Dada a relevância, quando tratamos de uma aprendizagem na prática, a qual envolve o contexto e as relações sociais em que os seres estão envolvidos, é coerente realizarmos algumas considerações sobre regimes de conhecimentos discutidos também pelo físico Thomas Kuhn (1997).

Kuhn (1997) faz menção a uma nova abordagem de aprendizagem, instigando-nos a perceber a existência da quebra de paradigmas e uma abertura para mudanças, bem como a existência de novos métodos de fazer um estudo mais detalhado e melhor observado, possibilitando caminhos de estudos imprevisíveis e sem resposta determinada, entendendo particularidades e diferentes interpretações.

Em outra perspectiva, leva-nos a investir em novas descobertas, teorias elaboradas, grupos abertos para a relatividade, algo completamente diferente dos velhos paradigmas determinados no modo de fazer ciência, com regras preestabelecidas, com ausências de particularidades e das divergências, classificadas por Kuhn (1997) como “ciência normal”, conforme referendado pela citação:

O estudo dos paradigmas, muitos dos quais bem mais especializados do que os indicados acima, é o que prepara basicamente o estudante para ser membro da comunidade científica determinada na qual atuará mais tarde. Uma vez que ali o estudante reúne-se a homens que aprenderam as bases do seu campo de estudo a partir dos mesmos modelos concretos, sua prática subsequente raramente irá provocar desacordo declarado sobre pontos fundamentais. Homens cuja pesquisa está baseada em paradigmas compartilhados estão comprometidos com as mesmas e padrões para a prática científica. Esse comprometimento e o consenso aparente que produzem são pré-requisitos para a ciência normal, isto é, para a gênese e a continuidade de uma tradição de pesquisa determinada (KUHN, 1997, p. 30-31).

Consoante os pressupostos teóricos de Thomas Kuhn (1997), podemos inferir que o CVT se apresenta como um espaço que rompe com paradigmas tradicionais, seja pelos métodos diferenciados desenvolvidos durante o curso, seja pela forma de compartilhamento e

troca de conhecimentos em formato dinâmico. Dentre esses métodos, destacamos as oficinas, cujo formato proporciona que o estudante aprenda exercitando as atividades na prática.

A realização dessas atividades visa construir estratégias de resolução de problemas que podem ser enfrentados quando os sujeitos em questão estiverem atuando em suas organizações comunitárias. Esse princípio educacional é detalhado no Projeto Político Pedagógico do CVT.

Uma educação profissional diferenciada não pode ater-se apenas à preparação para o mercado de trabalho. Deve preocupar-se com a formação integral aliando a formação profissional e crítica, com o intuito de possibilitar a autonomia do educando. Deve-se estabelecer relação entre as atividades realizadas e fatores sociais, culturais e econômicos da comunidade e da região. Além disso, o processo educacional deve estar pautado na construção do conhecimento em consonância com a experiência social dos educandos e a partir de uma metodologia de uma aprendizagem significativa, onde os novos conhecimentos devem ser ancorados e interpretados na estrutura de conhecimentos de cada indivíduo, em seu contexto de origem e na experiência de vida que trazem (IDSM, 2013, p. 10).

Tal formato de ensino permite dialogar com preceitos defendidos por Boaventura de Souza Santos (2010), que também contribui para um melhor entendimento da quebra de paradigmas como fundamento do pensamento moderno. Ao longo do tempo, o teórico buscou fazer um estudo interpretativo especificamente do olhar ocidental, embasado em dois aspectos, o verdadeiro e o falso, que são conceitos completamente fechados nestes dois aspectos. Assim, deixou de lado uma extensa relação de subjetividades interferentes na vida do homem moderno, restringindo ultrapassar as linhas abissais, desconsiderando outros elementos importantes e possíveis de dialogar com várias áreas do conhecimento.

[...] A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da copresença dos dois lados da linha. Este lado da linha só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante. Para além dela há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialética [...] (SANTOS, 2010, p. 32).

A proposta teórica de Santos (2010) ainda trata de mudança de postura, discutindo sobre o pensamento pós-abissal, que ultrapassa a linha que divide ambos os pensamentos, encontrando do outro lado da linha a visibilidade de conhecimentos populares. Nesses termos, o CVT pode ser compreendido como a porta de entrada para a valorização do outro lado,

porque nele se encontra uma diversidade cultural interligada com os saberes e experiências tradicionais, os quais se mesclam com o conhecimento técnico e científico, metodologicamente planejado ao longo do curso. Sendo assim, “[...] Do outro lado da linha, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que, na melhor das hipóteses, podem torna-se objetos ou matéria-prima para a inquirição científica [...]” (SANTOS, 2010, p. 34).

Entre as experiências, é importante ressaltar que os estudantes vêm de uma realidade bem particular e de um convívio constante com a natureza, na qual sua vida cotidiana sofre interferências com o meio e todos os ecossistemas estão interligados, isto é, há um engajamento na prática, como postula Ingold (2010). Nesse sentido, o CVT vai além do conhecimento científico ocidental moderno, ultrapassando e dando vozes às experiências e habilidades adquiridas que se interligam com o meio ambiente, onde o sujeito é capaz de viver, dando atenção para aquilo que lhe traga sentido.

Quando enfatizamos que o CVT vai além das linhas abissais, não significa afirmar que todas as partes, incluindo estudantes e mediadores responsáveis pela ementa do curso, caminhem do mesmo lado; pelo contrário, durante as observações, percebemos que o pensamento abissal é uma prática de alguns desses profissionais. Esses, ao ouvirem as experiências de trabalho cotidianas dos estudantes, tomam uma postura de invisibilidade diante do conhecimento apresentado.

Como exemplo, citamos a “Oficina sobre a população de Jacarés”. Quando abordados sobre o tamanho da espécie, a qual cientificamente apresenta um tamanho máximo padrão, os estudantes expuseram suas experiências, construídas através de uma relação íntima com a natureza. Nesse caso, houve uma discordância com relação aos dados científicos apresentados pelos pesquisadores no que se refere ao tamanho oficial dos jacarés.

[...] O pensamento abissal moderno salienta-se pela sua capacidade de produzir e radicalizar distinções. Contudo, por mais radicais que sejam estas distinções e por mais dramáticas que possam ser as consequências de estar de um ou do outro dos lados destas distinções, elas têm em comum o facto de pertencerem a este lado da linha e de se combinarem para tornar invisível a linha abissal na qual estão fundadas. As distinções intensamente visíveis que estruturam a realidade social deste lado da linha baseiam-se na invisibilidade das distinções entre este e o outro lado da linha (SANTOS, 2010, p. 33).

Muitos desses profissionais não se permitem ultrapassar os estudos da ciência, embora essa já venha sendo questionada quanto à sua autoridade isolada. Existem teorias que defendem um estudo que ultrapassasse as barreiras do falso e do verdadeiro, instigando-nos a entender que muitas dessas visões vêm de um olhar ocidental de se fazer ciência, seguindo uma interpretação de superioridade em relação ao outro.

A postura dos estudantes, contrária ao pensamento do mediador da oficina, chamou-nos a atenção. Em outro momento, dialogando com alguns estudantes, estes demonstraram insatisfação não somente pelo fato de não concordarem com tamanho estimado pelos profissionais da área, mas também pelo fato de não haver um diálogo, demonstrando uma postura de recusa diante da experiência e da prática cotidiana dos estudantes, que acreditavam na existência de animais acima da média certificada.

É ultrapassando as linhas divisórias que podemos pensar na indissociabilidade de conhecimento. E em se tratando de aprendizagem, talvez a separação nunca tenha existido, porque o ser humano sempre esteve ligado às relações de seu próprio meio, sofrendo influências e influenciando, transformando e sendo transformado, e que os saberes estão entrelaçados com o contexto vivido. É o caso dos estudantes de comunidades rurais: seu contato cotidiano com a natureza reflete e é reproduzido em qualquer lugar, ultrapassando as barreiras geográficas, quebrando antigos conceitos paradigmáticos. Comprovamos isso por meio do posicionamento dos estudantes sobre a temática ministrada.

Considerações Finais

Através da observação participante e de um diálogo constante com os (as) estudantes da pesquisa, sugerimos que o processo de ensino-aprendizagem, que pauta as premissas pedagógicas do Centro Vocacional Tecnológico – Tecnologias Sociais para Várzea Amazônica –, do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, promove um espaço de pluralismo cultural. Ele oportuniza aos (as) estudantes o estabelecimento das relações com a aprendizagem na prática, no contexto das relações sociais e o meio ambiente, identificando ainda que este lugar ultrapassa a linha divisória que separa a ciência dos saberes tradicionais. Nele, acontece um diálogo constante das experiências cotidianas que se apresentam de forma prazerosa, carregada de significados dos diversos olhares ao se constituírem como comunitários rurais de unidade de conservação.

Podemos ressaltar ainda que esse modelo de ensino-aprendizagem, presente no CVT, ocasiona grande colaboração para o crescimento de estudantes, despertando o interesse por novas aprendizagens. No relato dos estudantes, especialmente os das interlocutoras da nossa pesquisa, que são mulheres, foi no ambiente de estudo do CVT que Elas começaram a pensar com mais propriedade nos estudos acadêmicos e na equidade de direitos. Foi lá que se despertou a consciência crítica e o engajamento efetivo nas tomadas de decisão nos espaços rurais.

Podemos relacionar essas tomadas de consciência acerca da realidade que ocupam com os escritos de Freire (2020), chamando a atenção para as tomadas de decisões através das relações vividas cotidianamente, denominadas por ele de consciência crítica dos acontecimentos diários, ou seja, esses (as) estudantes buscam a cada dia se qualificar para o bem-estar de sua família, além de atuarem nos espaços de suas organizações e nos problemas vividos cotidianamente.

Referências

BATESON, Gregory. **“Introdução”, “II-Every Schoolboy knows”**. In: *Mente e natureza: a unidade necessária*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

COUTINHO, Clara Pereira. **Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática**. Ed. Edições Almedina, Coimbra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 48ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GOMES, A. M. R. Um (possível) campo de pesquisa: aprender a cultura. In: TOSTA, Sandra Pereira; ROCHA, Gilmar. (Org.). *Diálogos sem fronteiras: história, etnografia e educação em culturas ibero-americanas*. 1aed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, v., p. 205-220.

IDSM: **Institucional 2020**: Disponível em: <http://mamiraua.org.br/o-intituto/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

IDSM. **Projeto Político Pedagógico**: Centro Vocacional Tecnológico – Tecnologias Sociais para Várzea Amazônica, Tefé AM: IDSM, 2013.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S. A. 1997.

LAMB, Nairo Venício Wester; SCAPIN, Luiza. **O papel dos Centros Vocacionais Tecnológicos na Geração de Trabalho e Renda no Âmbito Local**. XII Seminário Internacional de demandas sociais e políticas públicas na sociedade contemporânea: VIII mostra de trabalhos jurídicos e científicos, 2015.





RELEM – Revista Eletrônica Mutações
©by Ufam/Fic/Icsez

LAVE, Jean, “Aprendizagem como/na prática”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ha/a/FVKz5RJSyg8YWrV7HpfxQnQ/?format=pdf>.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000200003>

LISBOA, Teresa kleba; LUSA, Mailiz Gariboti. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 16(3): 871-887, setembro-dezembro, 2010.

PERALTA, N; LIMA, D. M. **Conhecimento científico e saberes tradicionais**: sinergia ou tradução? In: 28 Reuniões Brasileira de Antropologia, 2012, São Paulo. *Desafios Antropológicos Contemporâneos*. São Paulo: ABA, 2012. v.1 p. 01-389.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma Ecologia dos Sabres. In: *Epistemologia do Sul*. São Paulo: ed. Cortez, 2010. (Páginas 31 a 82).

203



Manuscrito licenciado sob forma de uma licença **Creative Commons**. Atribuição Internacional:
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_B

Relem, Manaus (AM), v. 16, n. 26, jan./jul. 2023.